

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DOS
PROFESSORES DE CONTABILIDADE**

Uma primeira abordagem no Departamento de Ciências Contábeis da UFSC

CRISTIANE CONCEIÇÃO BOING

Florianópolis
Março / 1999

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DOS
PROFESSORES DE CONTABILIDADE**

Uma primeira abordagem no Departamento de Ciências Contábeis da UFSC

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Ciências Contábeis, do Centro Sócio-Econômico, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Ciências Contábeis.

Acadêmica: Cristiane Conceição Boing

Matrícula: 9410307-0

Orientador: Marcos Laffin, Ms.

Florianópolis

Março / 1999

FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE CONTABILIDADE

Uma primeira abordagem no Departamento de Ciências Contábeis da UFSC

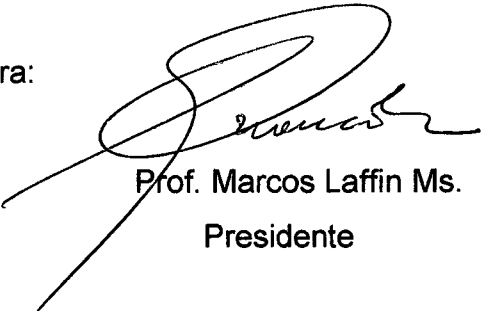
Autora: Acadêmica **CRISTIANE CONCEIÇÃO BOING**

Esta monografia foi apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo a nota média de10..... atribuída pela banca constituída pelos professores abaixo denominados.

Florianópolis, março de 1999.


Prof. MARIA DENIZE HENRIQUE CASAGRANDE
Coordenadora de Monografia do CCN

Professores que compuseram a banca examinadora:


Prof. Marcos Laffin Ms.
Presidente


Prof. Joisse Antônio Lorandi M. Sc.
Membro


Prof. Sílvio Lehmkuhl Meyer
Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Hailton Boing e Nára Carvalho Boing, por abdicarem muitas vezes do seu tempo para que eu pudesse superar as dificuldades. Aos meus irmãos, Hailton Boing Júnior, Hamilcar Boing e Fabio Boing, por sempre compartilharem a busca do melhor caminho para minha vida.

Ao meu marido e meu filho, Rogério Teixeira Silva e Fernando Guilherme Boing Silva, pela compreensão nos momentos de minha ausência e pelo apoio e dedicação para que eu pudesse alcançar o objetivo almejado. A todos estes, qualquer palavra que aqui eu expressasse não conseguiria dimensionar o tamanho da minha gratidão e do meu amor.

Às minhas amigas, Patrícia Vieira Wagner e Verônica de Miglio Moura, companheiras ao longo de todo este percurso, pela amizade, sinceridade e pela disposição em sempre estarem prontas a ajudar.

Aos professores que se colocaram em disponibilidade para que as entrevistas fossem realizadas e conseqüentemente esta pesquisa.

A todos os professores que de alguma forma contribuíram para a minha formação profissional, em especial ao professor Marcos Laffin, por juntos concretizarmos esta pesquisa.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	01
Aspectos Metodológicos	
Problema.....	02
Objetivos.....	02
Justificativa.....	03
Metodologia.....	06
2. Apresentação dos Dados.....	08
3. Algumas Considerações.....	39
Bibliografia.....	42

1. INTRODUÇÃO

As últimas décadas caracterizam-se por mudanças conceituais e nas estruturas sociais, configurando novas formas de organização no mundo do trabalho.

Com a crescente expansão tecnológica, o avanço da ciência e a globalização, vislumbra-se um futuro promissor de possibilidades, que coloca-nos diante de diferentes conflitos, gerando uma instabilidade mundial, provocando um movimento na busca de adequação contínua.

Desta forma, num contexto que foi considerado como imutável, acreditou-se que a educação básica tinha o objetivo de preparar o ser humano para a sua atuação na sociedade. Assim, a formação universitária se constituía como *etapa final* da educação, a qual determinaria e garantiria a formação profissional permanente. Neste entendimento, na graduação abordava-se os conhecimentos supostamente necessários para o exercício pleno da profissão escolhida.

A formação universitária, inserida no cenário mundial de diversas mudanças, atualmente não pode mais ser vista como a última etapa para a formação profissional, mas sim como o início do processo de aprender. Desse ponto de partida as informações básicas, fundamentais e de extensão serão discutidas de forma constante viabilizando uma formação universitária como processo de educação permanente. Esta concepção estrutura-se na relação aluno-professor-conhecimento e deverá ser capaz de desenvolver e possibilitar o domínio das habilidades básicas e necessárias para que estejam os alunos em condições de prosseguirem sua formação profissional.

Atualmente os cursos de Ciências Contábeis colocam à disposição da sociedade, através de diversas instituições de ensino superior, profissionais para

atuar em diversas áreas relacionadas à Contabilidade. Deseja-se que estes estejam permanentemente inteirados das mudanças e exigências da sociedade como um todo, para o exercício profissional. Tendo em vista que a contabilidade gera informações que possibilitam toda e qualquer decisão, apontando rumos para quem as utiliza, dentro de sua área de atuação com suas múltiplas relações, faz-se necessário, para o profissional, essa visão ampla de tais mudanças.

É necessário, então, assumir a formação profissional do contador como um processo *continuum*, em que a formação, enquanto dedicação contínua aos estudos, possibilite a atuação profissional na sociedade e nas suas diversas relações.

Uma vez caracterizado o ambiente de atuação profissional como um mundo dinâmico e exigente de respostas múltiplas, o perfil do contador passa pela concepção de um profissional presente e atuante em diversas dimensões no processo decisório para satisfazer os diversos usuários através do seu trabalho.

Caracterizada esta busca constante de atualização, é indispensável ao profissional da área contábil manter processos contínuos de formação, tanto na área específica quanto nas demais áreas do saber.

Sendo o ensino superior uma das possibilidades de desenvolver o trabalho contábil, este texto apresenta a problemática nos seguintes termos:

Como a formação continuada configura-se no trabalho do professor de contabilidade como procedimento para acompanhar as mudanças do mundo?

Esta pesquisa tem por objetivo geral caracterizar a formação continuada dos professores do Departamento de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Santa Catarina e privilegiou os seguintes objetivos específicos:

- configurar a formação dos professores do Departamento de Ciências Contábeis da UFSC;
- identificar a concepção de educação que norteia a prática pedagógica destes professores;
- verificar o entendimento que os professores têm sobre formação continuada.

Justifica-se a presente pesquisa, porque a partir de leituras da realidade constata-se que vivemos uma época de mudanças no mundo econômico e social, de avanços tecnológicos surpreendentes, em que o mercado de trabalho impõe novo desafio: a era da competitividade.

A contabilidade, enquanto ciência, que se constitui a partir de seu objetivo central, a informação, necessita caminhar junto às mudanças da sociedade na qual está inserida.

A escolha do tema, *formação continuada*, surgiu frente à preocupação dos profissionais da área contábil acompanharem estas mudanças. Acompanhar é entendido aqui, não como seguir, numa compreensão de *ir atrás*, mas sim como ampliar os seus conhecimentos e a sua prática profissional, se situando com as exigências da sociedade. Sociedade esta que carece de profissionais com capacitação técnica-formal e humanística para, a partir do trabalho, prestar serviços a uma sociedade de inclusão.

A formação continuada confronta-se, como um novo desafio da educação acadêmica, sob outras formas de abordagem do conhecimento, possibilitando não só a atualização enquanto profissional, mas também como atitude advinda das mudanças político-econômicas e socioculturais.

Cabe destacar que em nosso país não existe a obrigatoriedade, por parte dos contadores, de participarem de um programa de formação continuada; no entanto observa-se uma preocupação crescente da necessidade de que esta atitude seja parte integrante do processo de qualificação profissional.

Entre os profissionais da área contábil encontram-se os professores de contabilidade dedicados ao ensino superior, os quais serão objeto desta pesquisa.

A escolha do professor do Departamento de Ciências Contábeis da UFSC como enfoque desta pesquisa pressupõe que a universidade, através do Curso de Ciências Contábeis, tenha como um dos objetivos do currículo a proposta de promover a formação de profissionais condizentes com as necessidades da sociedade, visando as atitudes e competências das novas gerações profissionais.

Os professores que se limitarem somente ao aprendido no processo de formação, num procedimento de transmissão do conhecimento para outros profissionais, irão se defrontar com sérios obstáculos para o desempenho eficiente

da profissão.

Ao professor é inerente não só a execução do currículo proposto, mas a tarefa de integrar o conhecimento com as novas exigências profissionais da sociedade através de um processo reflexivo. Pois o professor representa o elo de ligação entre o aprendizado, o ensino e suas possibilidades.

Particularmente, acredito que esta pesquisa, após caracterizar a situação atual da formação continuada dos docentes do Departamento de Ciências Contábeis da UFSC, se constituirá num documento para reflexão, podendo ser o ponto de partida para a elaboração de um programa de formação continuada, na busca da valorização profissional.

A valorização profissional apresenta-se de diversas maneiras na diversidade da cultura humana. Diversidade que se organiza em diferentes níveis de conhecimento.

Desta forma, o conhecimento pode ser caracterizado como um produto da relação entre o ser humano e seu mundo, como um modo de compreender a realidade. Assim sendo, a produção do conhecimento pode ser elaborada em diversos níveis. No entanto, o conhecimento satisfatório, sob o prisma científico, difere-se dos demais não só por buscar a veracidade dos fatos mas principalmente pela procura da sua verificabilidade .

Assim, o conhecimento científico constitui-se como

um conhecimento contingente, pois suas proposições têm a sua veracidade ou falsidade conhecida através da experimentação e não apenas pela razão... É sistemático, já que trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de idéias... Possui a característica da verificabilidade... Constitui-se em conhecimento falível... é aproximadamente exato... (LAKATOS e MARCONI, 1992:17)

A sistematização de métodos e técnicas na busca do conhecimento científico é caracterizado pelo desenvolvimento de uma pesquisa, a qual objetiva encontrar soluções ou apontar alternativas para os problemas levantados.

LÜDKE e ANDRÉ (1986:2-3) definem que pesquisa *é entendida como o confronto entre dados coletados e o conhecimento teórico acumulado. Em geral*

isso se faz a partir do estudo de um problema.

Estes resultados constituem os conhecimentos teóricos acumulados, e que, no movimento dialético, se refazem permitindo uma experimentação constante.

LAKATOS define pesquisa como sendo

uma indagação minuciosa ou exame crítico e exaustivo na procura de fatos e princípios; uma diligente busca para averiguar algo. Pesquisa não é apenas procurar a verdade, é encontrar respostas para questões propostas utilizando métodos científicos. (LAKATOS, 1985: 15)

Para caracterizar a pesquisa a partir dos elementos que a constituem, objetivando respostas possíveis à formulação de determinada problemática, insere-se os procedimentos dos métodos da ciência.

Para a elaboração de uma monografia faz-se necessário um conjunto de conteúdos que instrumentalizem o aluno em suas diversas fases de iniciação científica. A elaboração desta pesquisa na graduação, constitui o momento em que o aluno, em dualidade com seu orientador e de posse dos instrumentos da metodologia, demonstre seu desenvolvimento intelectual, bem como a incorporação dos procedimentos e conhecimentos amplos e específicos do processo de sua formação, voltados para o entendimento de pesquisa e de ciência. (LAFFIN, 1998:04)

Desta forma, na monografia, a opção dos critérios e da ordenação metodológica para determinada investigação possibilita atingir determinados resultados. Assim, a monografia decorrente de determinado estudo possibilita ao pesquisador a apropriação do objeto de investigação e a compreensão das respostas possíveis.

Os resultados obtidos através da análise dos dados recolhidos, bem como o embate destes com os referenciais teóricos já elaborados, permite a reelaboração de sínteses teóricas provisórias objetivando novas contribuições à construção do conhecimento.

Desta forma, a reelaboração das sínteses

É o tratamento escrito de um tema específico que resulte de investigação científica com o escopo de apresentar uma contribuição relevante ou original e pessoal à ciência. (SALOMON, 1997:85)

O encaminhamento desta pesquisa foi caracterizado pela escolha do estudo de caso como método para orientar a investigação deste estudo. Os dados obtidos resultaram das entrevistas com os professores do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina.

O estudo de caso, sendo singular, oferece possibilidades de generalizações com outros casos ou situações que estiverem sob a análise numa perspectiva qualitativa, e ao se pensar nas contribuições e no valor que encerra, passa a se constituir como único, mesmo dentro de um sistema maior. Portanto, o estudo deste caso insere-se na perspectiva de uma pesquisa qualitativa, porque o contexto analisado revela dados que emergiram de seu próprio ambiente, ou seja, seu espaço natural, a sala de aula, e a partir dessa realidade particular, busco compreender não só a sala de aula, mas a sala inserida no contexto geral da escola, e esta, por sua vez, na sociedade. (LAFFIN, 1996: 06)

Para o estudo desse caso em específico, os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas. A entrevista representa um instrumento básico para a coleta de dados, a qual estabelece uma interação entre o entrevistador e o entrevistado.

Na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986: 33-34)

A opção pela entrevista não totalmente estruturada, objetivou redimensionar a temática da formação continuada para além das questões apresentadas aos entrevistados, permitindo a estes estabelecer relações diversas às questões propostas.

Estas entrevistas foram feitas com os professores em horário previamente combinado e, para que esse diálogo pudesse ser apreendido no real e no dinâmico da sua essência, fiz uso de um gravador. Dos professores entrevistados

apenas dois fizeram restrições ao uso do gravador.

A opção em transcrever as respostas das entrevistas na íntegra, possibilita não só uma visão mais abrangente da fala do entrevistado, mas também outras inferências e novas análises. Assim, a partir da subjetividade dos sujeitos, esses dados permitem uma abordagem redimensionada nas diversas concepções intrínsecas que constituem a problemática deste estudo.

O Departamento de Ciências Contábeis da UFSC atualmente conta com dezoito (18) professores efetivos e em exercício, dos quais foram entrevistados oito (8) professores. A entrevista se desenvolveu em duas partes: a primeira abordando questões sobre a identificação profissional e algumas questões mais genéricas relacionadas à formação continuada e a segunda contendo seis (6) questões subjetivas sobre formação continuada.

Para garantir o anonimato e a ética da qual se reveste a pesquisa, o nome dos professores foi substituído pela nomenclatura de [Professor 1], [Professor 2], [Professor 3], [Professor 4], [Professor 5], [Professor 6], [Professor 7], [Professor 8] na apresentação dos dados.

Assim, após transcrever as entrevistas, estas se constituíram em material de análise, permitindo uma reflexão em relação ao referencial teórico selecionado e a partir desta, a reelaboração de sínteses analíticas. Desta forma, através do contraste dos dados com a teoria buscou-se redimensionar a visão do geral para o específico, constituindo-se assim o estudo deste caso em um caso específico.

2. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A busca incessante do ser humano pela sua própria superação e aperfeiçoamento das relações pessoais e interpessoais, confronta-se com um mundo em constantes mudanças que afetam diretamente a vida do social como um todo.

As reformulações no mundo do trabalho e a organização nos modos de produzir trabalho, mais recentemente na reestruturação das formas produtivas em função do mundo globalizado, têm exigido habilidades profissionais que atendam a resolução de problemas não rotineiros e que saibam não só compreendê-los mas também propor alternativas possíveis, assim como projetar ações futuras. Diante desta configuração, as habilidades e competências profissionais se estabelecem no âmbito da superação da racionalidade técnica.

Para GOMEZ, a atividade do profissional segundo o modelo da racionalidade técnica

é sobretudo instrumental, dirigida para a solução de problemas mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas. Para serem eficazes, os profissionais da área das ciências sociais devem enfrentar os problemas concretos que encontram na prática, aplicando princípios gerais e conhecimentos científicos derivados da investigação. (GOMEZ, 1996: 96)

Especificamente na área contábil, com algumas exceções, observa-se uma realidade de profissionais imobilizados que assumiram como função, frente ao trabalhar com a contabilidade, o papel de meros processadores de dados. Essa realidade decorre da formação eminentemente técnica que exclui diferentes formas de

interpretação do real bem como de novas ações na tomada de decisões.

Com a expansão dos meios de comunicação e a necessidade do homem comunicar-se com o mundo concreto através de suas atividades profissionais, também os profissionais da contabilidade buscam superar seu modo de produzir trabalho. Essa superação não é apenas para responder às exigências do mundo do trabalho mas para resignificar a sua essência humana.

Franco 1993, sintetiza esse contexto dizendo que

Não é apenas como seres humanos, com aspirações de toda ordem, materiais, espirituais e intelectuais, que participamos dessa evolução e precisamos acompanhá-la, mas principalmente como profissionais, integrados nesses processos de evolução, como agentes ativos de seu desenrolar permanentemente. E, como tais, não podemos correr em ritmo mais lento que o desenvolvimento da tecnologia, das leis, dos costumes e de tudo que caracteriza a necessidade de conhecimento da profissão que elegemos e que pretendemos exercer com dignidade e competência. (FRANCO, 1993: 49)

O exercício de uma profissão com dignidade e competência, remete à noção do que é trabalho - uma ação intencional, criadora de cultura e história -; o trabalho é na verdade a essência humana. Para que o trabalhador supere a divisão social do trabalho imposto pelo modo capitalista, também para o profissional da contabilidade, é necessário uma reflexão crítica no espaço das relações que se estabelecem na profissão e no âmbito que culturalmente convencionou-se denominar como local de produção do conhecimento: a universidade.

No Brasil a posse do diploma de graduação no curso superior em Ciências Contábeis é condição e possibilidade para a obtenção do registro profissional como contador. Nessa concepção, o diploma, enquanto instrumento legal adquirido no grau de bacharelado em Ciências Contábeis, pressupõe que a universidade possibilita formação para o pleno exercício profissional. Desta forma, a competência profissional acaba sendo caracterizada como consequência dos conhecimentos avaliados na graduação. No entanto, é preciso dimensionar a formação técnica e humana nos

cursos de Ciências Contábeis, não só para o pleno exercício da profissão, mas também para o exercício da cidadania compreendida na ação histórica do homem como ser social. Assim, a formação da técnica, em específico, torna-se instrumento da reflexão teórica do próprio saber.

Na dimensão de uma formação que supere a racionalidade técnica é possível compreender que

Hoje não há qualquer dúvida, em termos mundiais, de que o processo de formação é algo continuado, onde há que vencer etapas das quais a graduação é a primeira. (KOLIVER, 1997: 41)

O que se observa em termos gerais é que a universidade, em muitos momentos, não se preocupa em manter uma relação estreita entre a graduação, através do currículo, e a realidade onde este currículo será concretizado.

Esta situação já estudada por FÁVERO (1992) diz que

Segundo a concepção dicotômica, o papel da Universidade na formação profissional é entendido como o de favorecer a aquisição de conhecimentos acumulados, mas falta a preocupação com a elaboração de elementos que deverão contribuir para a intervenção na realidade social. (FÁVERO, 1992: 64)

A possibilidade de o homem intervir na realidade supõe um nível de consciência que decorre do seu processo de formação.

A concepção do currículo dos cursos de Ciências Contábeis na história da educação brasileira sempre esteve vinculada ao *fazer*, ou seja, o predomínio da técnica sobre a reflexão. Assim, nas universidades brasileiras ainda predomina a reprodução do conhecimento técnico da contabilidade, ou seja, dos métodos de registro dos eventos econômicos ocorridos, não redimensionando estes eventos para uma abordagem teórica da ciência contábil. Nesta abordagem do currículo formam-se profissionais com lacunas que acabam por não dominar, na sua essência, o

conhecimento contábil, uma vez que o conhecimento não é um conjunto de verdades absolutas e universais mas sim uma relação dialógica da provisoriedade de saberes.

Assim, percebemos que o movimento das mudanças

econômicas, técnicas, científicas e sociais não acabam quando alunos terminam o período de educação integral clássica, quando alguém se insere na vida produtiva - no mercado de trabalho do profissional. Não raro, em tempo muito curto, deparamo-nos defasados da cultura do nosso tempo. (RIL, 1990: 50)

O profissional da contabilidade insere-se diretamente na organização da vida produtiva através do seu trabalho, em função dos saberes próprios da sua ciência. Desta forma, a preocupação com uma formação que lhe possibilite aprender novas maneiras de lidar com as mudanças, permite um domínio da técnica pelo domínio da cultura do seu tempo.

Porém, no contexto da formação eminentemente técnica, a contabilidade, através da atuação de seus profissionais, passou a ser requerida como um conjunto de técnicas que desconsidera as intensas transformações do mundo, impossibilitando uma avaliação efetiva do seu papel na sociedade. Frente a esta atuação dos contadores, que decorre muitas vezes do seu processo de formação, alguns membros da categoria dos profissionais da contabilidade manifestam-se para resgatar a valorização profissional, indicando ações para combater as práticas do fazer-mecânico. Estas ações, necessárias, podem ser configuradas pela formação continuada em que novos saberes possam ser apropriados e redimensionados à prática contábil.

ABRANTES expressa essa preocupação quando afirma que

Não é sem razão que o contabilista deve superar-se constantemente, mediante a atualização de seus conhecimentos e o domínio de técnicas sempre mais modernas, de forma a poder prestar serviços da mais alta qualidade profissional. (ABRANTES, 1998: 7)

Para que a qualidade dos serviços contábeis não seja apenas um discurso mas que esteja permeada de profissionalismo, faz-se necessário o contador se colocar em disponibilidade para novas aprendizagens. Esta preocupação em resgatar a valorização profissional através da técnica contábil redimensionada, fica evidente na fala dos professores quando questionado sobre **qual a função do contador na sociedade**.

Embora existam os extremos na categoria ele tem um papel importante na sociedade tanto para o governo quanto para as empresas (pequeno, médio e grande porte). Além das suas atividades normais do dia-a-dia (registro), cabe a ele orientar e relatar a situação econômica, financeira, legal e fiscal para os gestores das organizações. [Professor 1]

O papel do contador é o de administrar riquezas dos diversos componentes dessa sociedade. No momento a gente conhece, falando de Brasil, essa linguagem como integrante da sociedade pessoas físicas e pessoas jurídicas ativas. É um conceito muito limitado. Então em termos de componentes a nível de sociedade a Contabilidade ainda tem muitos papéis a cumprir. [Professor 2]

Ela é uma profissão que está ameaçada de extinção se a classe contábil, os contadores, não passarem a atuar realmente na sua educação e numa formação mais severa. Isto eu não falo a nível de Brasil, falo a nível de mundo. As críticas que se vê em artigos inclusive de origem estrangeira são muito severas com relação ao papel dos profissionais da contabilidade. A função, ela é nobre! Nobre, importante e grande. Agora desde que realmente ela seja exercida, com competência. A função sem dúvida é nobre, não estou com isso dizendo que nós não temos função e nem temos mercado. Temos mercado! O mercado é enorme, a função é das mais nobres e importante. O problema é o seguinte: a classe como um todo ao nível de mundo, vamos dizer assim, tem que acordar e vencer todo um passado de inércia. E, isto requer entre outras coisas muito estudo, muita leitura, língua estrangeira pra gente poder até saber o que está se passando no mundo, enfim, é uma virada realmente muito grande. Enquanto assim, contador, na característica de que só ele pode assinar existem movimentos a nível de mundo para que termine esta prerrogativa de que só pode ser responsável por contabilidade quem é formado. A organização mundial do comércio tá com essa luta, a nível de mundo então. [Professor 3]

Eu acho o contador uma peça chave na sociedade e numa sociedade capitalista, já que ele controla o dinheiro, ele faz o controle do dinheiro. Então o contador eu acho que ele não é bem valorizado na sociedade e até muitas vezes ele pode ser mal visto ou com o conceito não muito bom pela sociedade. Eu acho que ainda ele não tem um bom conceito como ele deveria ter como em outros países, por exemplo, no caso do controle fiscal, no caso de pagamento de impostos o contador muitas vezes ele para facilitar o patrão ele comete alguns erros e muitas vezes esses erros eles não são bem fiscalizados. (...) [Professor 4]

Olha eu acho que o contador ele tem uma função muito importante. Infelizmente o que eu vejo, o que eu sinto em sala de aula, é que não existe assim uma clareza da função do contador. (...). Então eu vejo assim que o contador ele é muito, como é que eu vou dizer, ele se deixa levar, ele não se posiciona e não tem uma posição nem social, nem profissional. Contador é qualquer um. É diferente, eu queria que a gente tivesse o reconhecimento como o contador é no exterior, nos Estados Unidos, na Inglaterra, mas que também responda por esses atos. Tem que ter isso mas também tem que responder. O contador sempre que pode ele sai fora. Se ele sai fora ele não é comprometido com o trabalho que ele faz. (...) Olha eu acho que o contador tem uma função social, no sentido de mostrar, inclusive a questão dos próprios princípios, a questão do gerenciamento dentro das empresas. (...) Essa eu acho que é a função mais importante do contador hoje. A questão de educar o empresário. [Professor 5]

Acho que o contador tradicional perde cada vez mais espaço, porém a profissão de contabilidade ela é muito importante porque nós vivemos na era da informação. O contador é dono na empresa dos dados da empresa. Se ele souber utilizar esses dados para gerar informação ele é alguém muito importante na sociedade, se ele for um gerador de informação, e o contador tem tudo pra ser isso. [Professor 6]

Eu vejo como qualquer outra profissão evidentemente que a profissão de contador tem crescido muito. Antigamente o contador era aquela figura retrógrada, conservadora, um guarda-livro e isso hoje não tem mais nada disso. O contador é um cara moderno tá começando a dominar áreas voltadas para o financeiro e de custos nas empresas. Eu acho que hoje tem uma função muito importante. Inclusive agora com a preocupação do valor adicionado, do balanço social, demonstrar através da própria contabilidade benefícios sociais que às empresas possam por ventura gerar a toda sociedade. [Professor 7]

Na grande empresa ele é o responsável pelo gerenciamento do sistema de informações contábeis, serve de suporte no processo de gestão empresarial. Na pequena é um profissional que cuida do aspecto fiscal. [Professor 8]

Os professores entrevistados destacam que se o contador não despertar para as novas exigências do mercado, brevemente estará em uma profissão ultrapassada, pois a simples execução, ou melhor o mero registro relacionado puramente com a técnica perde espaço para as novas tecnologias desenvolvidas para o âmbito contábil, em que a rapidez e a precisão superam o trabalho manual. Para tanto, o pleno e eficiente exercício contábil depende de uma ampla formação na graduação, e, posteriormente, como processo contínuo na pós-graduação ou nos procedimentos de formação continuada.

Estes professores percebem que mesmo na existência de dualidade de práticas divergentes no âmbito do trabalho contábil é necessário que estes profissionais compreendam a contabilidade como uma ciência sócio-econômica capaz de orientar processos de gestão nas diversas organizações. Percebem que apesar da inserção de novas tecnologias no modo de produzir trabalho, é preciso ampliar sua participação, enquanto cidadão, nas diversas instituições sociais através da sua atuação profissional. Expressam também que a mera inclusão de processos tecnológicos não supera o modo mecânico de registrar eventos econômicos mas que é preciso verificar como esses avanços da ciência podem contribuir para redimensionar a atuação da ciência contábil através de uma prática efetiva e comprometida com o social. Ao distinguir entre profissão e função contábil, defrontam-se com as discussões propostas por organismos

internacionais sobre as prerrogativas exclusivas do contador. Estas discussões compreendem um recuo no campo profissional, em função de uma inércia provocada por diferentes determinantes sociais. Os comparativos com profissionais de outros países demonstram um certo ressentimento quanto à valorização profissional do contador nas diversas sociedades capitalistas. No entanto, é preciso dimensionar as diferentes culturas e estruturas sociais bem como a função que o contador desempenha na sociedade. A valorização profissional impõe-se pela competência técnico-formal viabilizada pela organização da vida social.

A formação continuada é um caminho para resgatar a valorização profissional, que objetiva manter o profissional em constante atualização e para que não se perca a competência e eficiência, uma vez que por formação continuada entende-se também

uma dedicação aos estudos que se prolonga pela vida toda (...) não se restringe apenas ao aspecto técnico, mas abrange também a sua ação geral. (RIL, 1990: 50)

Para KOLIVER (1994: 88), a formação continuada *trata-se de procedimento indispensável (...) pois quem deixar de atualizar-se perderá, em pouco tempo, as condições mínimas já referidas, mesmo que tenha sido um aluno brilhante na graduação.*

A Federação Internacional de Contadores (IFAC), em seu guia de orientação n° 2 (FRANCO, 1991: 9), estabelece como objetivos da Educação Profissional Continuada (EPC):

- Manter um adequado nível de conhecimento técnico entre seus componentes;
- Ajudar os componentes da profissão contábil a adaptar-se à evolução de novas técnicas e às cambiantes responsabilidades e condições econômicas;
- Mostrar à sociedade em geral a preocupação da profissão com o interesse público, mediante estímulo aos componentes da profissão

para manter adequados conhecimentos e habilidades para prestar serviços que razoavelmente se possam dele esperar.

O Departamento de Ciências Contábeis da UFSC, inserido no contexto das discussões sobre a formação continuada como um instrumento para pensar a qualidade do trabalho docente, busca através desta pesquisa desvelar qual o entendimento dos professores sobre **formação continuada**.

Na fala dos professores caracterizam-se diversos entendimentos sobre o que entendem por formação continuada os quais estão abaixo transcritos:

Tem a função de permitir que uma pessoa autônomo, funcionário público ou privado e outros possam dar continuidade a sua formação porque com a evolução do conhecimento, tecnologia, passou a exigir-se que os profissionais acompanhem as mudanças.[Professor 1]

Dois tipos. No método alemão: experiência profissional vivenciada na área que atua, especializando com a prática. No sistema alemão o universitário, o professor deve sair um pouco da sala de aula e fazer um estágio obrigatório dentro de uma empresa para ele sentir como que está funcionando a coisa na empresa. E também o outro lado, o lado acadêmico que seria todo esse aperfeiçoamento acadêmico.[Professor 2]

A formação continuada é aquele esforço que um profissional faz para se manter atualizado independentemente de ser obrigado a tal. E aí eu estou olhando de uma forma mais ampla. (...) então, a formação continuada é algo que eu entendo assim. Agora tem a formação continuada ou a educação continuada compulsória. Aquela que para que você se mantenha exercendo a profissão você tem que comprovar que está fazendo cursos, assistindo palestras, enfim, é aquela que digamos livre.(...) Então eu entendo formação continuada num aspecto amplo. (...) e existe pra nossa área em alguns países já institucionalizada, como por exemplo, Estados Unidos. [Professor 3]

A contabilidade tem bastante cursos normalmente na área de imposto de renda para atualizar os contadores, legislação fiscal. Eu acho interessante(...) sempre se atualizando, sempre acompanhando o mercado, então esses cursos são a ponte para que o contador se atualize. (...) Pro contador existe a educação continuada na área técnica.(...) Além do que eu acho que deveria se ter outras informações continuadas até pra, por exemplo, de novos mercados ou novos caminhos pro contador.(...)O contador se afasta da universidade, fica dez anos fora da sala de aula e aí ele tem que montar balanço, ele precisa se atualizar e a nossa legislação muda muito rápido. Então tu tens que ter uma ponte.[professor 4]

Pra mim é você tentar ir aprimorando os teus conhecimentos sempre, tentando discutir, conhecer mais, ir buscar, discutir, coisas que não são só do nosso país, enfim, ter uma visão global.(...) E uma das maneiras é você fazer um mestrado, um doutorado ou ter os cursos de educação continuada(...)[Professor 5]

No passado uma pessoa que se formasse ela estava pronta para a vida inteira. Quanto mais ele exercesse a sua profissão melhor ele estaria. A ciência não sofria ruptura. (...) Hoje nós devemos reduzir o tempo de informação profissional e valorizar muito a educação continuada. É uma forma de você aprender a aprender. Eu critico a educação continuada como nós temos hoje:

especialização, mestrado, doutorado(...)[Professor 6]

Uma pessoa não pode se formar na universidade e achar que sabe tudo e acabou. Ele tem que se formar e estudar o resto da vida em qualquer área, mas principalmente na área tributária. (...)[Professor 7]

A busca constante de qualificação pelo desempenho profissional, porque para quem o contador presta seus serviços exige essa busca pela qualificação. [Professor 8]

A maioria dessas falas configura a formação continuada como um fenômeno emergente nas relações com a contabilidade. Compreende esse processo de formação como necessário para acompanhar a evolução das tecnologias, através das quais a contabilidade se instrumentaliza.

Muito mais do que uma compreensão estreita da formação continuada que se situa no atualizar-se frente às normas e imposições legais, a formação continuada é uma exigência das mudanças que ocorrem nas diversas sociedades, pela superação das verdades absolutas das diversas áreas do conhecimento.

Os profissionais da contabilidade não podem isolar-se nas situações meramente objetivas das suas relações de trabalho, mas precisam compreender as mudanças globais e as relações que estas estabelecem com a ciência contábil. A formação continuada deve propiciar uma ação criadora de superação dos estágios da reprodução das práticas sociais, no sentido de intervir pela inclusão dos processos democráticos. Nas falas acima, observamos que o entendimento do que seja formação continuada circunda a necessidade de aperfeiçoamento e de atualização constante das práticas vigentes.

Nesse movimento de mudanças, a formação continuada tem como pressuposto essencial o movimento da ação-reflexão-ação. Baseado nessa idéia BEHRENS (1996) afirma que:

Um dos aspectos que passaram a ser objeto de discussão central na formação continuada (...), é o da *experiência* (...) a formação é um processo e sofre constantes reformulações (...) Práticas estas que não se constroem por acumulação (cursos, técnicas) e sim por reflexão crítica do caminho percorrido (...) (BEHRENS, 1996: 114)

Enquanto profissionais da ciência contábil que atuam no ensino superior, a formação continuada apresenta-se como reflexão das ações que objetivam um olhar atento às reformulações de procedimentos tanto no nível técnico quanto científico. Reformulações que apontam para a visão do aprender a aprender que caracteriza-se num processo ininterrupto de atualização como um momento de reflexão em suporte à ação docente e a imposição de autonomia do trabalho.

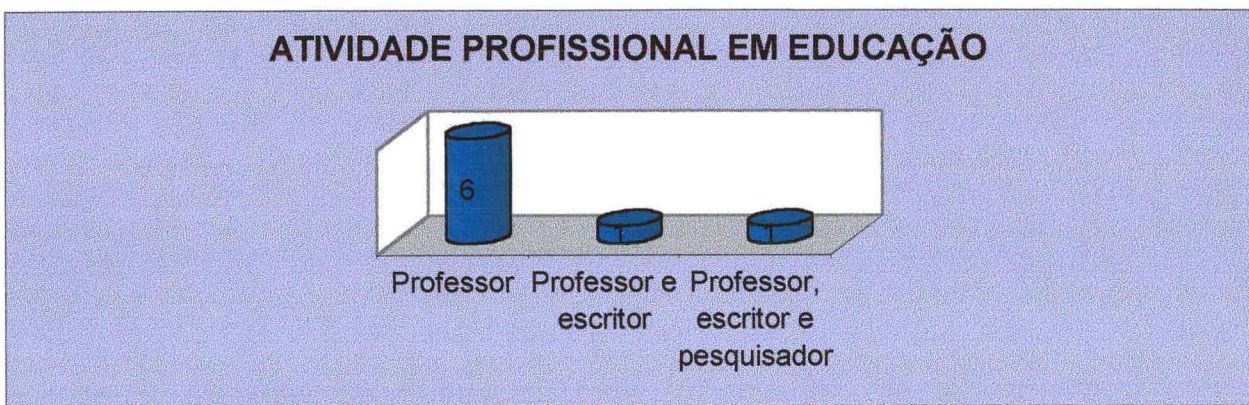
A apropriação do trabalho pedagógico por parte do professor lhe possibilita um enfoque multidisciplinar nas suas ações. Constitui-se em trabalho coletivo e aponta para a autonomia da organização do trabalho. A reflexão que se transforma em ação é possível através de um processo de *formação continuada* em que o professor impregna uma autonomia às formas do seu pensar e agir, enquanto ações sempre mediadas pela argumentação e pelo confronto das suas opções. Assim, a formação continuada não é apenas um processo no qual se fundam conhecimentos novos e provisórios mas também uma postura de ação mediante a apropriação da realidade na qual novas ações são desenvolvidas. Ações que são mediadas pelas contradições, limites e possibilidades do processo contínuo da reflexão-ação e consolidados na inclusão do todo social. (LAFFIN, 1997:23)

A concepção de formação continuada não pode se resumir apenas aos cursos de especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado, nem apenas aos cursos técnicos ou mesmo só à inter-relação do campo profissional empírico. A formação continuada sugere uma dimensão ampla da formação do homem enquanto sujeito de interferências no contexto histórico e localizado.

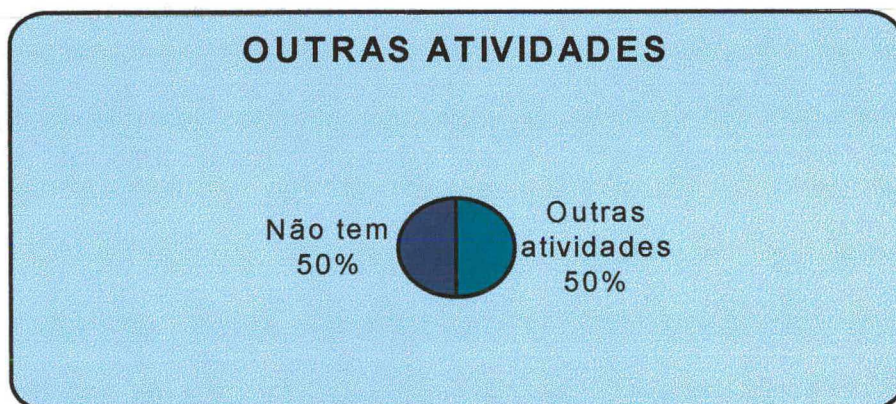
O IFAC propõe que um programa de formação continuada deve ser constituído de atividades de estudo estruturado (cursos, estudos para titulação de pós-graduação, elaboração de artigos, teses, livros técnicos, conferências e outros) e atividades de estudo não-estruturado (leituras de revistas e outras obras de natureza técnica, seminários, atividades culturais e intelectuais), bem como o mínimo de trinta horas por ano ou noventa horas no período de três anos de aprendizado estruturado complementado por estudo não-estruturado. Na verdade, a participação em estudos estruturados relaciona-se à pesquisa e à produção de conhecimento pois são

atividades em que o profissional é o agente ativo, ou melhor é o profissional que efetivamente está à frente, ministrando cursos, palestras, seminários, conferências, produzindo artigos, livros, etc. e complementando com estudos não estruturados, que seriam a leitura, a participação como espectador em outras atividades.

No contexto localizado desta pesquisa, os professores que participam da pesquisa configuram-se, na sua grande maioria, como profissionais docentes conforme verifica-se abaixo:



Todos os professores entrevistados lecionam no departamento de Ciências Contábeis da UFSC, dentre os quais apenas um não tem vínculo de dedicação exclusiva com a universidade. O início da atividade docente na universidade compreende o período entre 1982 e 1996.



Entre outras atividades desempenhadas pelos professores, foram citadas: presidência da FEPESE, coordenação de núcleos de pesquisas, membro de comissão de especialistas da SESu, representante do MEC, consultoria, auditoria e escritor.

Nos seguintes gráficos é possível observar a formação na graduação, pós-graduação e intenção de cursar outra pós-graduação dos professores entrevistados.

FORMAÇÃO NA GRADUAÇÃO



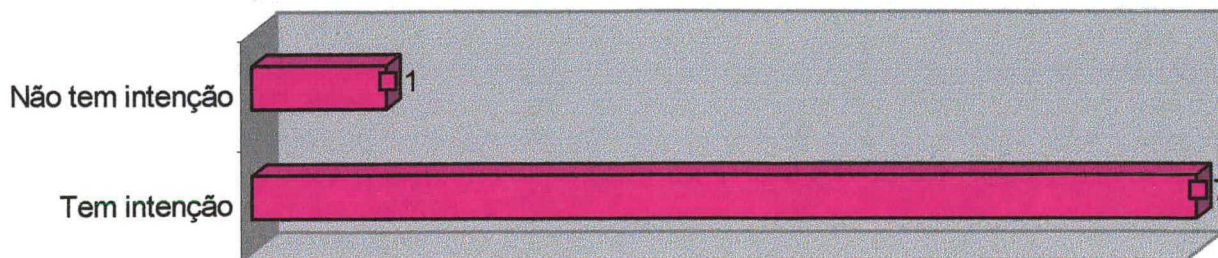
Percebe-se que sete professores são bacharéis em Ciências Contábeis, dos quais um cursou na URGs/RS, um na Universidade de Caxias do Sul/RS, um na FACEAT/RS, um na FGV/RJ e três na UFSC, e também um dos professores do Departamento de Ciências Contábeis é graduado em Administração e Engenharia, bem como um dos professores é graduado em Ciências Contábeis e também em Economia.

Quanto à formação na pós-graduação, dois dos professores entrevistados têm somente especialização, mas estão cursando mestrado, cinco têm mestrado abrangendo a área de Administração Pública, Contabilidade Gerencial, Engenharia de Produção, Administração e Ciências Contábeis e um professor tem doutorado em Contabilidade e Controladoria.

FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO



INTENÇÃO DE OUTRA PÓS-GRADUAÇÃO



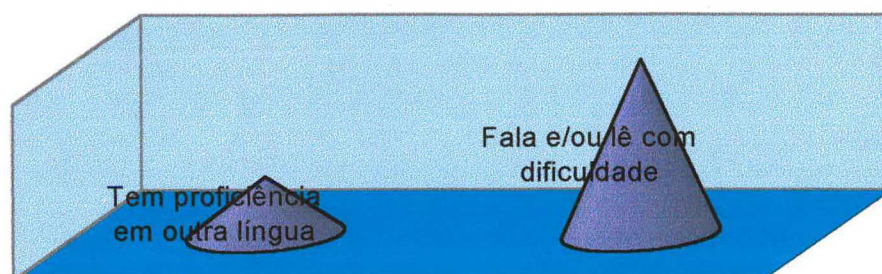
Quando questionados sobre a intenção de prosseguir com outra pós-graduação, apenas um dos professores relatou que não tem interesse em prosseguir com seus estudos. Os demais manifestaram desejo de realizar outra pós-graduação, especificamente nas áreas de Administração e Finanças Públicas, Contabilidade e Controladoria, Custos e Produção, Engenharia de Produção.

Apenas um não desenvolve pesquisas, porém entre as pesquisas mencionadas nem todas são divulgadas. É certo que a formação continuada por si só não garante a qualificação necessária que a sociedade exige, mas é através da formação continuada que o professor, neste caso específico das Ciências Contábeis, inicia e perpetua o processo de aprender a aprender, de reflexão, de produção de conhecimento, abrindo assim a perspectiva para tal.

Por outro lado, fica evidente que o professor de Ciências Contábeis da UFSC necessita instrumentalizar-se melhor para o exercício da profissão docente, como: língua estrangeira, uso da informática, trabalho em equipe.

Dentre os oito professores, apenas dois mencionaram ter proficiência em língua estrangeira, enquanto os demais salientaram que a utilizam para traduzir ou ler artigos e periódicos com certa dificuldade.

LÍNGUA ESTRANGEIRA



Todos os oito professores fazem uso da informática para preparação de material didático, cinco utilizam a internet para pesquisar, com freqüência, três utilizam em outras atividades profissionais além da docência e apenas dois utilizam efetivamente com alunos.



A formação continuada sugere a produção da autonomia nos modos de produzir trabalho em função das novas aprendizagens e das mudanças que são provocadas pela

consciência de que o conhecimento é transitório, que ele se renova, se constrói, que está sempre em movimento. Para atender a estas novas perspectivas, o novo docente terá que gerar o conhecimento, sem deixar de estar atento aos recursos tecnológicos e informatizados que já se apresentam na sociedade. A modernidade exige do docente esta instrumentalização, para articular os conhecimentos disponíveis no mundo. (BEHRENS, 1996:65)

A facilidade de acesso às informações propiciada pelos meios de comunicação, exige do docente essa instrumentalização para que a ação docente articule os conhecimentos disponíveis e redimensione o conhecimento da sua prática pedagógica.

Uma outra abordagem mencionada neste estudo é quanto aos tipos de formação continuada. O IFAC apresenta como hipóteses da Educação Profissional Continuada (FRANCO, 1991:19):

- EPC voluntária, onde não existe a obrigação de comprovar o

aperfeiçoamento por atividades de estudo estruturado;

- EPC compulsória, que exige a comprovação de um determinado número de horas por determinado período estabelecido de estudos estruturados;
- EPC voluntária monitorada, onde o profissional é orientado a participar de atividades onde terá que apresentar relatório.

Sabe-se que no Brasil não existe regulamentação de um programa de formação continuada para profissionais das mais diversas áreas de atuação da contabilidade, ficando assim a critério de cada profissional iniciar um processo de formação continuada, pois neste sentido pode-se dizer que o professor torna-se o elemento ativo na busca da sua competência.

Na realidade, a dedicação ao aperfeiçoamento profissional se configura como uma tarefa quase que individual. Isto pode ser visualizado nas respostas dos professores aos questionamentos sobre **quais as leituras que tem feito e como estas contribuem na formação continuada? Quais as discussões e com quem?**

Em termos gerais leio a EXAME, ISTO É, jornais como O ESTADO e DIÁRIO CATARINENSE, como lazer gosto de ler biografias de líderes. Em termos específicos a RBC, revista do CRC do Rio Grande do Sul, revista do CRC de São Paulo, Manual de Contabilidade e dissertações de monografias. Contribuem na FC à medida que busca o esclarecimento de assuntos/informações que eram desconhecidos ou dúvidas. Permite estar ao par do que vem ocorrendo no mercado mundial. Permite conhecer as dificuldades de líderes na sua época e de que forma resolveram, associando quando possível os fatos passados aos presentes. As discussões são feitas com colegas de profissão e com amigos que fazem parte do mesmo círculo de amizade. [Professor1]

(...)eu diria que hoje as leituras mais forte pra mim elas estão em cima da internet. É uma leitura muito grande que desagrega e dá velocidade à informação recente, (...) a leitura de livros e jornais, eu não sou muito adepto de revistas. Eu leio jornal e livros basicamente. Revista só de algumas RBC's, essa do Rio Grande do Sul que eu leio, do conselho específico de contabilidade(...) Agora a nível de livros é basicamente fundamentado em cima da editora Atlas. Aí eu procuro pelo catálogo da Atlas, sempre procuro me atualizar mas aí o trabalho é muito mais dirigido pras matérias que leciono. A nível de leitura geral eu procuro ler sempre alguma coisa que diga respeito à evolução, agora no momento eu estou lendo "O Contrato Social", de Rousseau e estou lendo também "A águia galinha" de Leonardo Boff. Acho que contribuí ao ver multidimensão da vida associada já que a gente ocupa um planeta e a gente tem que ver o fato contábil com multidimensionalidade ou multivisão.(...) Em relação à discussão só alguma comunicação com a ECA da Espanha. Eu tenho me correspondido com o pessoal de lá, Associação dos Professores de Auditoria da Espanha, me comunico formalmente com freqüência. No mais a gente faz isso através de congresso só. O intercâmbio é o congresso e a gente troca idéias com os colegas. Agora o ideal seria que houvesse um grupo de estudos temáticos como tem aqui na

Economia e no Serviço Social os núcleos de estudo. Aqui na Contábeis tem na área de custos dentro do programa NUPEC. Esse tipo seria ideal, caso a universidade pagasse o suficiente para isso [Professor2]

Via de regra mais ligada a assuntos de teoria da contabilidade propriamente dita. Algumas publicações nossas, brasileiras, digamos assim e as publicações que estejam ao meu alcance, por aquisição ou via internet, de fora do país. Assino revistas nacionais. As clássicas que são poucas né. Revista Brasileira, Revista do Rio Grande do Sul, Contabilidade Vista e Revista, Caderno de Estudos da USP, o IOB no que diz respeito à parte de teoria tem um fascículo que trata disso e alguns poucos livros, raros, pouquíssimos livros que tratam do assunto mais teórico da contabilidade no Brasil.(...) Em termos gerais tenho lido muito pouco, o que é muito vergonhoso aliás. Não tenho assinado nenhuma revista porque não dou conta nem daquilo que eu assino, que não é pouca coisa, principalmente os periódicos estrangeiros que apesar de não ser um número muito grande, mas aquilo só já não se dá conta. Mesmo eu tendo dito que não se dá conta de ler tudo, tudo que se recebe é porque em nível de estrangeiro as coisas são muito volumosas. E a questão da língua, a destreza da língua não é tão grande a ponto de dar pra ler como se leria um artigo em Português sem dúvida, mas não tenho a menor dúvida também de que elas me contribuem pelo menos pra saber o que está começando a acontecer noutros países ou a nível geral, de movimento.(...) Então, mesmo que não se domine totalmente o idioma e mesmo que não se consiga ler o conteúdo de todos os artigos, todas as normas, enfim, todos os avanços ou conquistas que acontecem lá fora algo pouco que se lê já contribui pelo menos já tem pra balizar. Oh! A coisa parece que está caminhando pra isso e até pra eventual pesquisa não ficar achando que a coisa tá a cinco anos atrás, a coisa sempre está correndo na frente. Então nesse ponto é que contribui. Sim. Não algo formal, assim constituído formalmente um grupo que já se predispõe a isto. E existem alguns colegas de departamento e uns outros profissionais da área, não colega de departamento, ou seja, não trabalham na universidade ou trabalham até em outras em que a gente discute. Agora não com uma habitualidade de que seria interessante. É claro essas discussões vão depender de que tipo de leitura essas outras pessoas fizeram porque a gente se interessa normalmente por uma área e as outras por outra, então às vezes a gente não consegue acompanhar a discussão de uma outra área que não é da gente, evidente, ou pelo menos, com tanta flexibilidade, com tanta destreza porque a gente está mais numa área. Isso ocorre mas não numa intensidade que seria o ideal porque no momento em que dois profissionais lêem independentemente um determinado artigo, por exemplo, e meditam profundamente sobre este artigo e depois se reúnem para debater, eu entendo, um crescimento desses dois profissionais porque os pontos de vista que cada um obteve da leitura são diferentes, então aí isso é uma coisa interessante, é muito positiva a existência desse tipo de discussão, muito positiva. [Professor 3]

Na área específica no momento eu estou assinando a CRC de São Paulo, eu tenho lido a CRC de São Paulo, a revista da FEA da USP, eles têm uma revista interna lá que é bem interessante. Sempre trás assuntos novos. Tenho lido, tenho me atualizado bastante, quer dizer, pra acompanhar até os alunos nas monografias a gente é obrigado a ler, acompanhar os assuntos, livros, periódicos na área de contabilidade social, balanço social, por exemplo. A revista do CRC do Conselho Federal, mas atualmente não estou assinando (...). Tenho lido na área de custos,(...). Eu ministro uma disciplina na pós-graduação, na área de controladoria, então eu preciso me atualizar bastante nessa área de controladoria. Eu não utilizo com muita frequência material estrangeiro.(...) Eu leio com frequência a Folha de São Paulo, eu leio Diário Catarinense, eu leio a EXAME com frequência também e vários artigos que a gente troca com alunos até de outras áreas, por exemplo, contabilidade social que a gente troca com alunos. Quase não tenho lido ultimamente. Praticamente eu considero a base do dia a dia da sala de aula porque eu gosto de trabalhar bastante com exemplos, quer dizer, pra transmitir algum assunto é importante você fazer relações com o que está acontecendo ali fora. Então, se a pessoa não estiver atualizada, não estiver em sintonia com o que está acontecendo a gente não consegue fazer relações e até dar exemplos,(...)sempre procuro trazer exemplos do dia-a-dia e relacionar com situações. Até acompanhar as empresas.(...) Eu procuro sempre fazer essa relação do que está acontecendo na sociedade e na economia com o que eu estou transmitindo. As discussões muito pouco. Não, não tenho discutido [Professor 4].

(...) Eu assino a RBC, a revista do CRC de São Paulo e a revista do CRC do Rio Grande do Sul na área de contabilidade.(...). Mas eu não acho que o professor tem que chegar na sala de aula, contabilidade tributária por exemplo, com todas as inovações que o governo lança no mercado. Eu até tenho que saber mas eu não tenho que matar os alunos no sentido hoje sai uma coisa e amanhã eu tenho que sair correndo lá (...) E eu leio muita coisa nisto, nesta questão. Direito tributário eu gosto muito (...) Na área de contabilidade, o que sai sobre princípios, você discute mas, não tenho feito muita leitura nessa área específica por isso. (...) Eu tenho a revista EXAME que eu assino, a gente tem em casa a ISTO É, sempre a gente lê. Jornal eu só leio no fim de semana (...) Contribuem justamente em relação por exemplo a questão dos impostos. Se eu leio uma reportagem o que que o governo está pensando eu posso trazer a informação pro aluno. (...) Então eu gosto de ler as entrevistas com os economistas, quais os reflexos dessa economia, o que que vai mudar, o que que vai alterar, fazer correlação com a contabilidade.(...) Então pra mim essas leituras acabam sendo importante nesse sentido. No sentido de tentar e se ter exemplos do dia-a-dia.(...) Eu discuto contabilidade aqui na universidade especificamente com o alguns professores. (...) Com professores de fora, de contabilidade, (...) tem alguns professores que lecionam na UNISUL. [Professor 5].

Gazeta, leio um ou dois livros técnicos por mês, assino a Revista HSB Management que eu leio constantemente, leio muita coisa na internet. Tem que ir lendo, descobrindo e aprendendo sozinho e enriquecendo o conteúdo das disciplinas. Tenho um grupo na área de mercado de capitais grupo que constantemente discute por internet a situação macroeconômica e as empresas. Tenho um grupo formal numa empresa chamada Economática que tem um fórum de analistas de mercado de capitais, com professores aqui da universidade e com alunos de graduação, mestrado e doutorado. [Professor 6]

Eu sempre leio muito. Eu hoje já não tenho mais tempo de ler como eu gostaria mas eu tenho a assinatura do Diário Catarinense, VEJA e leio jornais do Rio e São Paulo, Folha ou Jornal do Brasil que eu gosto do Rio de Janeiro e livros técnicos. Esporadicamente (...) best seller. Mas hoje fora da área técnica eu tenho muito pouco tempo pra leitura de livros, às vezes leio um ou outro. Normalmente gosto muito na área política, na área biográfica e periódicos leio alguma coisa na nossa RBC.(...). Hoje eu estou trabalhando na área de finanças pública quando é uma publicação nessa área eu tento ler pra tentar melhorar a minha própria condição profissional, mas é dirigido. Normalmente eu discuto resoluções, determinações do Senado Federal e eu discuto com os técnicos da área, com o pessoal do Banco Central de Porto Alegre. [Professor 7]

EXAME, GAZETA, RBC, revista CRC do Rio Grande do Sul, Reflexão, Vista e Revista, UnB Contábil, revista do CRC de São Paulo, Caderno de Estudos da USP, livros técnicos na área de custos, Jô Soares. É uma necessidade pro meio acadêmico. Discussões no núcleo de pesquisas, colegas de profissão, com alunos e com colegas que participam como membros da Comissão de Especialistas da SESu-MEC. [Professor 8]

O que se observa é que a leitura é direcionada ao aperfeiçoamento técnico na área contábil. No entanto, as discussões sobre as leituras técnicas, quando ocorrem, são de maneira informal e até mesmo de forma superficial não revertendo em benefício da diversidade de sujeitos. Tais leituras deveriam se constituir num movimento para promover discussões pertinentes a sua área de atuação,

apresentando argumentos e posicionamentos que caracterizassem a socialização da formação através das leituras técnicas e das dimensões das leituras de mundo.

As leituras contribuem para a formação continuada dos professores à medida que são instrumentos de reflexão tanto da experiência profissional como da teoria que sustenta a prática. A reflexão dessa práxis possibilita um movimento de

curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital...(FREIRE, 1997:35)

Assim, de forma deliberada, a reflexão evidencia níveis de consciência capazes de produzir uma relação dialógica com os diversos movimentos da ação verbalizada ou não mas que indicam a inquietação diante dos fenômenos que se apresentam num contexto.

As experiências decorrentes das diferentes formas de discussões, promovem um processo interativo de construção ou reconstrução mútua de saberes nos sujeitos que assumem a dialogia como princípio no ato constitutivo da formação.

NÓVOA afirma que

Não se trata de mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas também num quadro conceptual de produção de saberes. Por isso, é importante a criação de redes de (auto)formação participada, que permitam compreender a globalidade do sujeito, assumindo a formação como um processo interactivo e dinâmico. A troca de experiência e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. (NÓVOA, 1995: 25-26)

Na fala de alguns professores emerge a necessidade da discussão enquanto troca de experiências e pontos de vista diferentes, com maior frequência, de forma mais interativa e dialógica. Essa interação é necessária à medida que a existência tanto no nível pessoal como profissional constata que o ser humano aprende

ao longo do percurso da sua vida. Nesse sentido, a criação do espaço acadêmico para que os professores possam refletir sobre as suas experiências, aliada à leitura reflexiva, surge como possibilidade, sinalizando uma primeira alternativa para a estruturação de um programa de formação continuada na intenção de uma ação docente mais significativa na universidade.

A universidade, enquanto instituição cultural, é entendida como local de construção de novos conhecimentos, de produção de tecnologias e de abrigar a diversidade de culturas. Decorre desse entendimento que a pesquisa constitui-se como princípio fundamental para a construção de novos conhecimentos e inclusive dos procedimentos da organização institucional.

Desta forma, compreende-se que um professor

destituído de pesquisa, incapaz de elaboração própria é figura ultrapassada, uma espécie de sobra que reproduz sobras. Uma instituição universitária que não sinaliza, desenha e provoca o futuro, encalhou no passado. (DEMO, 1994: 27-28)

Objetivando configurar a autonomia do trabalho pedagógico através da reelaboração de novos conhecimentos questiona-se **quais as pesquisas que os professores de contabilidade têm desenvolvido?**

Não tenho desenvolvido. [Professor1]

Aqui tenho. A tradução dessas pesquisas é o produto final livros, mas além desses eu tenho outras pesquisas inclusive pra não ficar nos livros que são conhecidos na área da contabilidade pública a gente tem algumas pesquisas feitas em Santa Catarina e duas delas estão publicadas. Uma é em relação à Copa Lord, campeã do carnaval, Cruz e Souza, com o livro chamado Reencontro com Cruz e Souza, e que foi prêmio na Academia Brasileira de Letras. O outro também é o trabalho que a gente fez de junção das manifestações do Kakumbi dentro da cultura catarinense. [Professor 2]

Eu tenho, é que isso é muito relativo. Duas pesquisas que eu estou por entregar no departamento elas não são pesquisas no sentido que normalmente se vê. Elas são pesquisas mas estão baseadas na geração de material didático. Claro são pesquisas relacionadas com ensino, mas mais a geração de material didático. Uma última pesquisa que encaminhei e que está em desenvolvimento aí ela já não é tão direcionada para a geração de material didático. Aí sim, ela questiona o aspecto mais teórico da contabilidade que é a comparação de pontos de vista no Brasil, no estrangeiro com relação a determinado assunto(...) [Professor 3]

Eu acho que em parte sim. Não um trabalho vamos dizer metódico, mas eu estou me preparando pra entrar no doutorado e eu estou trabalhando numa área, por exemplo, na área de avaliação da performance dentro das empresas e a utilização de indicadores pra você acompanhar o desempenho dessas pessoas dentro da organização, então tenho procurado ler alguma coisa nessa área, pesquisado nessa área, coletar material, mas não é uma pesquisa assim vamos dizer metódica. (...) Eu penso em desenvolver o ABC. Eu vejo que o ABC tem o enfoque muito em custos, eu gostaria de trabalhar com o ABC voltado mais para resultado. As atividades voltadas mais para resultado. Então é um assunto que eu estou pesquisando em cima dele. Agora não é uma pesquisa metódica ainda, mas está na parte introdutória de coleta de dados, informações. [Professor 4]

Não. A pesquisa que eu estou fazendo seria o meu mestrado que seria uma pesquisa mais ampla. Fiz, desenvolvi algumas publicações de artigos, mas todos ligados com as disciplinas que eu fiz no mestrado. Que não deixa de ser de certa forma uma pesquisa porque tem que fazer uma pesquisa no mínimo bibliográfica. Se eu considerar isso como pesquisa. Eu não lembro agora quantos artigos eu tenho publicado, mas uns cinco ou seis, por aí. [Professor 5]

Já fiz várias pesquisas mas pela minha atividade na FEPESE atualmente não estou desenvolvendo nenhuma. Tive uma pesquisa encomendada pelo Banco Mundial pra analisar a competitividade do setor agropecuário em Santa Catarina em que eu estudei a parte de bovinocultura. [Professor 6]

Desenvolvi uma pesquisa no ano passado que inclusive publiquei na RBC sobre problemas de evidenciação no MERCOSUL. Agora eu estou desenvolvendo uma pesquisa que devo apresentar até junho sobre análise de contas públicas. [Professor 7]

O livro Gerenciamento da Informação e o livro que vai ser publicado Contabilidade de Custos financiados pelo CNPq, tem um projeto pra Análise de Custos e publicações de artigo, nos últimos cinco anos foram 46 artigos. [Professor 8]

Estas falas indicam que, na sua maioria, os professores demonstram uma preocupação em romper com a idéia do conhecimento pronto e acabado. É necessário romper com a idéia de apenas reproduzir. A pesquisa torna-se cada vez mais significativa na busca da qualidade do trabalho docente. É indispensável que o professor incorpore a pesquisa como prática de ensino e disponha de tempo para escrever e publicar suas produções. Embora apenas um dos professores tenha mencionado que não tem desenvolvido pesquisas, observa-se que somente quatro professores tem obras publicadas. É necessário desmistificar a idéia de que a única atividade na graduação é o ensino. Em síntese, é preciso priorizar a produção acadêmica através do ensino, da pesquisa e da extensão possibilitando uma integração

dessas atividades no âmbito da práxis educativa.

Através das atividades do trabalho docente espera-se que o

professor universitário se torne um pesquisador competente em uma área de conhecimento e que ao mesmo tempo, desenvolva capacidades técnico-pedagógicas para atuar em sala de aula, aliando ensino e pesquisa de alta qualidade num mesmo profissional. (FORESTI, 1996: 18)

Se levarmos em consideração que a educação é um processo que se desenvolve durante toda a vida dos sujeitos, faz-se necessário conciliar ensino e pesquisa e a utilização dos mais diversos instrumentos que a modernidade coloca à disposição da atividade profissional, pois os computadores, a transmissão via satélite e os diversos meios de comunicação já fazem parte da realidade. O grande desafio, no entanto, não é a tecnologia em si, uma vez que seu caráter é sempre instrumental, mas como fazer uso dela para que esta contribua efetivamente na construção de novos saberes, bem como promova o acesso aos diversos meios de apropriação de saberes. A trajetória de leituras no processo de formação do professor pode ser dimensionada a partir dos novos portadores de textos, entre eles as novas tecnologias.

Desta forma, foi necessário questionar se **os meios de educação à distância têm contribuído para a formação continuada e de que forma?**

Sim. Ensino à distância hoje é uma realidade no nosso país. Tem várias formas de ensino à distância: via material impresso, via televisão, via internet, via teleconferência.(...) A contribuição é pela facilidade de acesso ao conhecimento e a interação de várias partes ao conhecimento. [Professor 1]

Sim, com certeza. Eu acho que eles contribuem abreviando a chegada da informação da origem a fonte principalmente e a outra atualizando e diversificando as informações. [Professor 2]

(...) O que temos é que ter um cuidado muito grande porque a evolução da informática e dos meios de comunicação propiciando o contato de pessoas sem estarem fisicamente próximas isso é uma coisa que evolui com uma rapidez muito grande e veio a mudar inclusive as possibilidades que existem de que se transmitam conhecimento. (...) E também nós temos que entender que a mudança de comportamento é algo que não ocorre com a rapidez que a tecnologia está correndo e isso a gente poderia até arriscar dizer que ocorre em qualquer país do mundo.(...) Em termos de proporcionar acesso ao conhecimento é elogiável, fantástico, não tem nem dúvida. Se você tem a possibilidade de adentrar

na internet, só para citar um exemplo, você tem hoje um acesso a informações, um volume de informações enorme. (...)mas é impressionante a massa de informações que se obtém através da tela de um monitor de vídeo de um computador, via internet. Então isso é uma coisa fantástica e depois com uma rapidez. Se o gerador da informação estiver atualizado você também tem uma informação rápida que vai chegar em livro ou sob a forma de papel, se chegar, muito tempo depois. [Professor 3]

Eu não sei. Eu não vejo com bons olhos principalmente na nossa área(...) Nós não temos estrutura na universidade. (...) Por um lado a tecnologia tudo mas a gente vê que na prática aqui a gente tem que arregaçar as mangas e fazer do jeito que dá. (...) No contexto geral, eu acho muito bom. O conhecimento está mais democrático e todos têm acesso a ele. (...) Então eu acho que é um caminho que o futuro é por aí, essa democratização do conhecimento. (...) O professor utilizar de instrumentos como data show que quanto mais utilizar esses instrumentos melhor. Mais rico fica o assunto. Agora é sempre importante aprofundar. (...) Eu acho que não basta só coletar informações. É preciso que seja uma informação crítica, que tenha uma ponte com a prática, com a realidade. (...) Você tem que ter uma pesquisa, uma relação com a prática. Não pode ser uma coisa superficial. Eu acho que é importante além da internet e tudo se trabalhar com a pesquisa e com o ensino. (...)Eu acho que é um negócio importante à medida que você precisa da informação e você tem um lugar de acessar, como se fosse uma consultoria, bem mais rápida. (...). [Professor 4]

Eu acredito que sim porque hoje tu não precisa mais ter a figura do professor na sala de aula. (...)e os meios de comunicação à distância você tem que se virar. Tem a informação ali mas você tem que entender, você tem que estudar. Se você não está de repente conseguindo desenvolver um raciocínio, você vai ter que buscar um outro site na internet que te auxilie. [Professor 5]

Contribuem muito. O grande negócio em termos de educação pro próximo século é você gerar conteúdo. (...) É você criar material, publicar e uma das formas mais eficientes são os meios à distância., cursos por internet, cursos por cd, videoconferência. (...) Acho que a universidade assim deve se reduzir bastante e a educação continuada vai crescer muito. [Professor 6]

Sem dúvida. O futuro pelo menos o pessoal que está mais enfronhado, principalmente nesses cursos à distância no futuro essa é a solução. Você não vai ter que se deslocar, nem você nem o professor, você vai ter essas conferências, via satélite, com professor atendendo como se estivesse em sala de aula, discutindo. Isso vai facilitar a vida de todo mundo. (...)[Professor 7]

Penso que sim, ainda que não seja a melhor alternativa. Tem ajudado pessoas que não têm a oportunidade de estar lá. Através de teleconferência ... [Professor 8]

Aqui, o ensino à distância é descrito pelos professores como aquele que oportuniza o acesso às informações sem ter que estar presente, pela facilidade da divulgação de novos conhecimentos, como meio rápido de acesso à informação e consequentemente a atualização como forma de democratização do conhecimento e como interação de conhecimento.

Porém, as novas tecnologias e as novas relações que estas produzem no processo educativo

trazem uma dicotomia à educação. Por um lado ela introduz novos instrumentos, como a televisão, e a possibilidade de programas interativos, o vídeo, o computador, o fax, o CD room, conferência via satélite, as redes, como a internet, que possibilitam o acesso à bancos de dados no mundo inteiro, que podem efetivamente facilitar o processo de aprendizagem e até modificar o tempo gasto na aquisição do saber e a própria maneira de aprender. De outra maneira, elas produzem uma “defasagem crônica” da escola, como instituição onde o saber se produz, reproduz ou se atualiza, face à velocidade com que se criam e comercializam novas tecnologias e os elevados custos financeiros. Esta defasagem, torna a escola ineficiente para acompanhar o desenvolvimento técnico-científico, e portanto, oferecer uma aprendizagem condizente com a nova realidade social e desinteressante do ponto de vista da motivação, para aqueles que, ao terem acesso a processos tecnológicos informativos e formadores muito mais dinâmicos resistem aos métodos e aos instrumentos educacionais tradicionais. (BÉDARD, 1998:01)

Desta forma, é preciso possibilitar o acesso e a instrumentalização para os sujeitos nesses novos meios de obter informações, assim como também é preciso filtrar as possíveis interferências destes meios no processo de formação continuada do professor. A utilização dessas novas tecnologias deve dinamizar a autonomia de trabalho do professor e não apenas facilitar o processo de reprodução de saberes.

É certo que as novas tecnologias podem possibilitar uma economia de tempo na aquisição de novos conteúdos e de novas maneiras de propor esses conteúdos, no entanto, é preciso superar a economicidade de tempo através da sua utilização para refletir sobre como utilizar essas novas abordagens das informações. Assim sendo, pode-se ampliar esta idéia para visualizar sentido amplo na utilização das novas tecnologias como fonte de formação continuada pelos meios de comunicação à distância, também dos profissionais da contabilidade.

Essa indicação é feita por BECKER (1994) quando diz que

Se a informática na educação mantiver o sentido mais restrito, de uso de equipamentos computacionais nas escolas, então ela estará abdicando de grande parte de seu potencial. No sentido mais amplo, tem ela muito mais a ver com uma mentalidade e um modo de interação com o meio, do que com o uso de determinado tipo de equipamento. (BECKER, 1994: 232)

O sentido restrito da utilização das novas tecnologias na formação continuada do professor pode ser entendido como aquele que não supera o modo mecânico da simples transmissão de conhecimentos. Em sentido amplo podemos compreender as novas tecnologias como uma mediação que possibilita a interação do saber do professor com uma nova sistematização de saberes. Decorre dessas novas abordagens a reflexão da ação, a qual fundamenta-se pelo princípio da pesquisa enquanto procedimento de aprendizagens.

A articulação entre a coleta da informação e o modo de utilizá-la são etapas importantes na construção do conhecimento do professor, na dimensão de sua formação e se constitui em tarefa para impor autonomia no seu trabalho docente.

A utilização das novas tecnologias para a formação continuada dos diferentes profissionais e, neste caso específico, do professor profissional da contabilidade, articulada ao ato da pesquisa, de reflexão da ação docente

tem a capacidade de superar as limitações da aprendizagem em sala de aula, na medida em que libera os processos de conhecimento do tempo – isto é, tem-se acesso ao conhecimento em qualquer lugar e em qualquer tempo, eliminando-se assim o imperativo geográfico da educação tradicional. Ora, como os conteúdos são cada vez mais vinculados à pesquisa, pensa-se que a educação formal continuará sendo indispensável, pelo menos por um bom tempo. (GUADILLA, 1994: 66)

Uma outra problemática encontrada refere-se às estruturas tecnológicas que a universidade dispõe. Sabe-se que a falta de recursos interfere na prática pedagógica, porém, ao se assumir que os docentes de 3º grau são responsáveis pela formação inicial dos acadêmicos rumo à profissão, não se pode concordar que a ausência desses instrumentos inviabilize uma ação pedagógica consciente com relação

à tecnologia. Assim, percebe-se que a falta de recursos pedagógicos compatíveis com as exigências do mundo moderno

impede de alterar a prática pedagógica com plenitude, pois repensar a prática pedagógica é também reorganizar a utilização dos recursos didáticos disponíveis e buscar novos recursos para instrumentalizar o aluno para as exigências do mundo moderno. É meritório o professor buscar um ensino de qualidade com os recursos que ele tem, mas este fator não pode impedir de se analisar que estes professores estão preparando os alunos para um mundo moderno e que a instrumentalização, principalmente da informática, é recurso que a escola precisa oferecer a professores e alunos. (BEHRENS, 1996: 201 e 202)

Verificado o entendimento sobre a formação continuada e as diversas maneiras de como efetivá-la cabe agora refletir sobre **como a formação continuada contribui para a prática da sala de aula**. Apresento a seguir o que dizem os professores nesta pesquisa com relação a essa contribuição:

Para acompanhar as evoluções, as modificações que estão acontecendo, facilitando a discussão de temas atuais com alunos e professores. [Professor 1]

Muito, (...) a renovação se dá necessariamente por ordem do aluno, necessariamente. Não tem professor por mais arcaico e desinteressado e dissimulado que seja que ele não se atualize um pouco pelo fato de ter que ir à sala de aula. É um espaço de exposição pública e ele tem que realmente se auto desenvolver. [Professor 2]

No momento que tu tens, adquires mais conhecimento e, assimilou esses conhecimentos tu podes comparar esses conhecimentos com o que tu tinhas, com a disciplina e com o conteúdo que tu ministras e verificar o que que tu podes incrementar de conhecimento (...) Tudo aquilo que é possível, só dar um exemplo, trazer para dentro da Contabilidade I, e que é uma novidade que está acontecendo no país ou fora do país, nem que seja a título de exemplo é uma coisa que favorece imensamente. [Professor 3]

(...) ela faz parte do dia-a-dia. (...) Quer dizer você tem que acompanhar, então vários assuntos a gente tem que acompanhar. (...) aliás, a gente percebe no dia-a-dia da sala de aula que quanto melhor for a educação continuada melhor o rendimento, tanto pro professor, como o aluno, ele consegue captar melhor, consegue relacionar com as coisas que estão acontecendo aqui fora e só existe conhecimento mesmo, na minha opinião, se nós conseguirmos fazer essa relação entre a sala de aula com o que está acontecendo ali fora (...) Então, se a gente não acompanhar essas mudanças se a gente não fizer pesquisas, não tiver essa educação continuada os exemplos começam a ficar defasados e começa a haver uma desmotivação tanto do professor como do aluno e não funciona direito. Então a

gente poderia até dizer que a educação continuada é o combustível para o professor, entendendo educação continuada como, vamos dizer assim, educação continuada é acompanhar as mudanças da sociedade (...) Isso aí é o combustível da sala de aula, é a gasolina que faz funcionar o professor e se não tiver se não acompanhar a gente percebe que à medida que a gente diminui as leituras fora o ensino diminui também. Quer dizer a motivação diminui na sala de aula. (...) Eu acho que é a alma do negócio. [Professor 4]

(...)Quando eu fui pro mestrado eu fui naquela esperança de buscar novos conteúdos, coisas que eu pudesse utilizar em sala de aula. (...) Fui na Produção na esperança de ter conteúdos que eu pudesse usar aqui, já que eles estão roubando o nosso espaço. Então se os engenheiros estão roubando, porque não eu tentar pegar um pouco deles? Qual foi a minha avaliação disso? Negativa! Muito pouco de lá eu posso usar aqui.[Professor 5]

Eu penso que se eu fosse dar aula com o que eu aprendi na universidade estaria completamente fora. Eu penso que a única forma de você ser professor é você estar constantemente aprendendo de diversas formas. A gente precisa aprender a linguagem que os alunos trabalham. Nós estamos sofrendo uma mudança bastante significativa hoje em termos de alunos. Os alunos formaram um ambiente muito diferente do nosso e o aluno que vem daqui a uns cinco anos ou seis, já nasceu do lado do computador. Se você usar uma linguagem tradicional com o aluno que assiste MTV, que mexe com internet o tempo todo, o professor vai estar completamente fora, não vai conseguir falar e o aluno não vai conseguir entender. Na minha opinião sem educação continuada o professor que não está constantemente aprendendo está completamente fora. Por isso que tem tantos professores que falam pras paredes e vivem se queixando dos alunos. Querem ainda dar aula com o que aprenderam na sua graduação, isso não tem mais espaço. [Professor 6]

O professor, no meu entendimento, além de ele ter que estar sempre estudando, se especializando, ele precisa também ter uma vivência prática, porque ela lhe ajuda nessa educação continuada. Porque educação continuada eu não entendo só como você fazendo curso, se especializando é a própria experiência de você ver como acontece ali na prática. Isso você traz para sala de aula. O professor tem que ter esse tipo de experiência. Acho que o professor não pode ser essencialmente teórico, ele tem que ter vivência prática mesmo porque enriquece as aulas. [Professor 7]

Como se está sempre lendo, estudando, contribui em termos de conteúdo, aplicação de conteúdo e aproximação da realidade. [Professor 8]

Ao mesmo tempo que os professores têm a concepção de que é necessário estar atento às inovações para ajustá-las à prática da sala de aula, fica caracterizada a ação docente como o ato de ensinar. Na grande maioria, os professores mencionaram como contribuição o enriquecimento do conteúdo ministrado, constatando-se uma visão ainda da prática do ensino dissociada da prática da pesquisa, caracterizando assim a idéia da reprodução, da transmissão dos conhecimentos, bem como a evidência da ação individual quanto à prática profissional.

NÓVOA alerta que as

Práticas de formação contínua organizadas em torno dos professores individuais podem ser úteis para a aquisição de conhecimentos e de técnicas, mas favorecem o isolamento e reforçam a imagem dos professores como transmissores de um saber produzido no exterior da profissão. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autónoma na produção dos seus saberes e dos seus valores. (NÓVOA, 1995: 26 e 27)

A capacitação e a busca da excelência enquanto profissionais da contabilidade, especificamente enquanto docentes, requer a capacidade de teorizar a sua prática através de questionamentos, reflexões tanto no nível individual como coletivo, produção própria e de uma educação continuada. Um programa de formação continuada necessita transpor a fragmentação tanto do conhecimento quanto da própria ação docente para se constituir como elemento que compreende a prática da sala de aula como prática social.

A formação continuada do professor precisa configurar ações que superem a transmissão dos conhecimentos já produzidos no sentido de produzir experiências e de socializar a apropriação de saberes em práticas sociais, de que o professor possa estar aprendendo de diversas formas.

Diante disso, procurou-se então identificar junto aos sujeitos da pesquisa se, **enquanto profissional da contabilidade você se vê como técnico ou como professor.**

Professor [Professor 1]

As duas coisas. Eu acho que como eu falei no início no modelo de atualização quando eu falei no modelo alemão e no nosso modelo eu entendo há que se dividir. Na vida tudo é equilíbrio. (...) Creio que ficar só dentro da empresa ou de uma instituição é fraquíssimo e pesa muito. E, por outro lado ficar também só teoricamente dentro de uma universidade quebra demais. [Professor 2]

(...) A gente se puxar a si a palavra professor com a amplitude que ela deveria ser, isso é difícil. A gente poderia dizer que poucas pessoas são professores porque é uma coisa muito séria, muito profunda, muito complicada, mas se é alguém que medita sobre aquilo que sabe ou que julga saber e

que aprendeu e que procura transmitir e fica atento para se aquilo que ele transmitiu realmente causou eco nas pessoas, nos alunos no caso, etc. (...) Eu acho que o professor tem que estar sempre fazendo um feedback. (...) Nesse aspecto me identifico mais como professor. [Professor 3]

Hoje, eu acho que eu posso dizer que eu sou mais professor. (...) Aliás na minha opinião um professor que seja um bom técnico ele terá um desempenho melhor. (...) O equilíbrio entre essas duas partes é que seria o ideal. (...) Hoje, eu acho que sou mais professor do que técnico, mas eu procuro sempre guardar os exemplos da prática. [Professor 4].

Hoje eu estou muito como professora. (...) Mas hoje eu me vejo bem como professora de contabilidade e que gosto muito do que faço. (...) [Professor 5]

Sou eminentemente professor. Técnico eu estou muito fora disso. O técnico dá treinamento, dá instrução, o professor é diferente. Você não está aqui para simplesmente ensinar uma habilidade, até porque, se ensinar uma habilidade o aluno que sair da universidade é como se você atirasse para o céu pra derrubar um passarinho. Então você tem que criar um aluno que saiba aprender, que questione, que tenha espírito de empreender, de auto motivação. Não sou nem um pouco técnico sou professor. [Professor 6]

Me identifico mais como professor. Evidentemente que eu trabalho na área técnica, sempre trabalhei na parte prática, não na parte escritural da contabilidade mas na parte de análise de empresas em finanças públicas, mas sempre trouxe isso para sala de aula. Sempre gostei da atividade de professor. [Professor 7]

Professora, tranquilamente [Professor 8].

Na fala dos professores fica evidente a opção em ser professor. Apenas um professor afirmou categoricamente ser as duas opções: professor e técnico. No entanto, nas reflexões dos professores entrevistados ficou muito claro a preocupação com a sua competência técnica. Em nenhum momento foram abordadas questões pedagógicas relativas à formação teórico-metodológica para atuar no ensino de 3º grau. Os contadores enquanto profissionais liberais que atuam como docentes, apresentam-se como elementos de articulação entre o mercado de trabalho e os meios acadêmicos.

Neste contexto salienta-se:

Para o exercício de qualquer profissão, há a necessidade de um aprendizado. Este aprendizado pode ser formal, institucionalizado, ou informal, empírico. A grande questão está em determinar até que ponto (e até quando) se pode permitir que o professor universitário,

aquele sem qualquer formação pedagógica, aprenda a ministrar aulas por ensaio e erro, desconsiderando o caráter nobre do sujeito com o qual trabalha: o aluno. (VASCONCELOS, 1994: 2)

O professor é alguém que deve ser visto como um profissional em constante formação, rompendo com a idéia de que o professor é um profissional de formação completa, acabada, pronta, uma vez que o próprio conhecimento não o é. Sob este aspecto, a formação continuada do profissional é o pano de fundo da busca pela valorização profissional, em que a pesquisa torna-se cada vez mais significativa na busca da qualidade docente.

Para DEMO, *Quem ensina carece pesquisar; quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi.* (DEMO, 1991: 14)

Ser professor implica no domínio do conhecimento específico da sua área, estabelecendo relação entre a educação e a sociedade, como agente capaz de intervir na realidade onde está inserido.

Assim, NÓVOA destaca

a importância de investir na pessoa do professor e de dar um estatuto do saber emergente da sua experiência profissional, fazendo com que os professores se apropriem dos saberes de que são portadores e os trabalhem do ponto de vista teórico e conceptual. Os professores não são apenas consumidores, mas são também produtores de saberes. Os professores não são apenas executores, mas são também criadores de instrumentos pedagógicos. Os professores não são apenas técnicos, mas são também profissionais críticos e reflexivos. (NÓVOA,1995: 31)

A atuação do professor de contabilidade no ensino superior decorre muitas vezes do retrato do seu processo de formação. A ênfase da racionalidade técnica que permeia o currículo dos cursos de Ciências Contábeis contribuem para que muitas vezes o professor impregne em seu trabalho docente as determinações de um técnico com formação exclusivamente técnica. Assim, ao assumir o ensino como trabalho que se reveste de essência humana, o professor precisa rever seu processo

de formação na busca permanente do aprender a aprender visando superar as subjetividades da sua formação inicial.

Sendo que há muito de

subjetivo na formação de um profissional, no sentido de que a participação do sujeito, em sua própria formação, é muito forte, principalmente se ele já se encontra no decurso de suas atividades profissionais. Quando um professor procura programas de educação continuada ele tem necessidades bem diferenciadas do estudante sem experiência de prática docente. (GONÇALVES e GONÇALVES, 1998:108)

Até pelas suas falas, a formação continuada para os professores de contabilidade constitui-se em necessidades diferenciadas através das quais é preciso recompor a unidade interdisciplinar com as demais áreas do saber.

O distanciamento entre a formação de um bacharel e a formação para uma licenciatura caracteriza-se pela ausência da compreensão dos limites e possibilidades que as ciências da educação requerem. O professor de contabilidade ao trabalhar em educação busca articular a sua competência profissional ao seu saber específico e dimensionar seus conhecimentos pedagógicos. Desta forma, suas opções decorrem dos conhecimentos adquiridos na formação e da capacidade de percepção dos problemas que encontram no cotidiano acadêmico. E assim, a ação educativa só se faz comprometida quando é fundamentada na reflexão de práticas possíveis, práticas estas que evidenciam a inclusão dos diferentes sujeitos e das suas diversidades.

Assim, o professor reflexivo

tem a tarefa de encorajar e reconhecer, e mesmo de dar valor à confusão de seus alunos. Mas também faz parte de suas incumbências encorajar e dar valor à sua própria confusão. ... O grande inimigo da confusão é a resposta que se assume como verdade única. Se houver uma única resposta certa, que é suposto o

professor saber e o aluno aprender, então não há lugar legítimo para a confusão. (SCHÖN, 1992: 85).

Portanto, a formação continuada só faz sentido para os profissionais que não buscam verdades absolutas, mas que se colocam em disponibilidades para novas aprendizagens, novas questões e possíveis alternativas no seu fazer pedagógico gerando maior autonomia e articulação entre trabalho e educação.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa, ao se aproximar das discussões sobre a formação continuada do professor de contabilidade, preocupou-se em escutar atentamente o que estes tinham a dizer sobre suas concepções de ensino e de formação continuada. Na dimensão da fala dialógica busco algumas falas relevantes ao tema para tecer as minhas considerações.

A formação continuada é compreendida como *uma forma de você aprender a aprender* [Professor 6], que caracteriza a educação como um processo reflexivo e contínuo. Aprender a aprender implica na busca do aperfeiçoamento constante através da reflexão da própria ação docente. É da prática pedagógica que percebe-se a necessidade de mudança na qual a reflexão constitui-se como elemento significativo para novas ações.

A reflexão, enquanto mediação da ação, caracteriza-se como um processo dinâmico e coletivo. Neste sentido, a formação continuada pressupõe a atualização dos conhecimentos específicos de determinada área do conhecimento como, também relacionada às demais áreas de suas relações vinculadas ao processo reflexivo.

As leituras contribuem pelo menos para eu saber o que está começando a acontecer noutros países ou no nível geral das discussões contábeis [Professor 3].

O professor de contabilidade necessita acompanhar as inovações do conhecimento contábil numa perspectiva dialógica com os demais professores do departamento, para depois de apropriarem-se das informações, utilizá-las como recurso pedagógico. As discussões assumem papel de destaque na ação docente pois ampliam as dimensões do entendimento individual para uma visão coletiva enriquecida e capaz

de gerar a produção própria do conhecimento. Para o professor a investigação, a pesquisa e conseqüentemente a produção própria, destacam-se para uma ação docente mais qualificada.

As pesquisas são feitas e *a tradução dessas pesquisas é o produto final livros* [Professor 2], indicando que a publicação de livros e artigos contribuem para novas reflexões e o aprimoramento da prática pedagógica.

Os novos meios de comunicação possibilitam e facilitam a apreensão das informações e conseqüentemente o processo de aprendizagem, porém, *não basta só coletar informações. É preciso que a informação seja crítica, que tenha uma ponte com a prática, com a realidade(...)* *Você tem que ter na pesquisa, uma relação com a prática.*

[Professor 4]

A formação continuada configura-se como um processo de qualificação profissional à medida que possibilita a apreensão, a reflexão da prática pedagógica, traduzindo-se em uma ação pedagógica mais autônoma e aberta a novas aprendizagens, contribuindo assim para a ação docente. Assim configurada na fala *Eu penso que se eu fosse dar aula com o que eu aprendi na universidade estaria completamente fora. Eu penso que a única forma de você ser professor é você estar constantemente aprendendo de diversas formas.* [Professor 6]

Ser professor é estar constantemente reformulando sua prática, é estar em constante aprendizado, uma vez que as relações estabelecidas entre professor-aluno-conhecimento também se constitui como processo dinâmico.

Assim, a formação continuada configura-se no trabalho do professor de contabilidade como uma necessidade para a qualificação profissional, possibilitar a imbricação do conhecimento específico contábil ao conhecimento pedagógico para fundamentar uma ação docente da práxis.

Teve-se como objetivo desta pesquisa, caracterizar a formação continuada dos professores do Departamento de Ciências Contábeis da UFSC, através do qual configurou-se a formação dos professores na graduação e na pós-graduação, identificou-se que a concepção de educação que norteia a sua prática pedagógica ainda é permeada pela transmissão e reprodução do conhecimento e verificou-se que a

formação continuada destes professores ainda passa pela concepção de uma atualização, enquanto processo individual e solitário, dissociado da reflexão coletiva e da produção do conhecimento.

A contribuição desta monografia se caracteriza enquanto documento para reflexão da ação docente dos professores do Departamento de Ciências Contábeis da USFC.

Do profissional de contabilidade que trabalha no ensino superior, especificamente nos cursos de Ciências Contábeis, espera-se que supere a racionalidade técnica para ser capaz de interferir com cidadania no contexto da sua ação histórica. Sendo assim, a formação continuada surge como processo de qualificação profissional do contador e por conseqüência do professor de contabilidade.

Como sugestão para outras possibilidades de pesquisas relacionadas às categorias educação e trabalho, aponta-se para as investigações sobre as dimensões políticas e éticas decorrentes do trabalho docente.

BIBLIOGRAFIAS

ABRANTES, José Serafim. *Educação continuada: caminho obrigatório*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 27, n. 109, p. 4-6, jan./fev., 1998.

_____. *O papel da informação contábil num mundo globalizado*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 27, n. 110, p. 6-7, março/abril, 1998.

ANDRADE, Maria Margarida de. *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas*, 2 ed., São Paulo: Atlas, 1997.

BECKER, Bertilo. *Informática na educação ou o computador na escola?* In: Simpósio Brasileiro de Informática Educativa. Anais... Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, Instituto de Informática PUC-RS, 1994.

BÉDARD, Maria do Carmo Bezerra M. *A importância das influências das inovações tecnológicas na educação*, texto mimeo, Ciências Sociais, UFSC, 1998.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *Formação continuada dos professores e a prática pedagógica*, Curitiba: Champagnat, 1996.

CAMARGO, Ynel Alves de. *O ensino da contabilidade e o futuro da profissão*. Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 20, n. 66, p. 39-46, jul./set., 1991.

CARVALHO, Maria Cecília M. de (Org.). *Construindo o saber*, 4 ed., Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípios científicos e educativos*, São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *Educar pela pesquisa*, Campinas: Autores Associados, 1996.

FÁVERO, Maria de Lurdes in ALVES, Nilda. *Formação de professores: pensar e fazer*, 4 ed., São Paulo: Cortez, 1996.

FONSECA, José Ismar da. *Educação continuada: o contador no ano 2000*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v.22, n.82, p. 14, março, 1993.

FORESTI, Miriam Celí Pimentel P. *Formação pedagógica continuada de docentes na universidade: protótipo de um sistema hipermídia de educação à distância* (tese de doutorado), São Paulo, 1996.

FRANCO, Hilário. *Indagações sobre educação continuada*. Conselho Regional de Contabilidade de São Paulo, São Paulo, [sn], 1991.

_____. *Formação cultural e profissão contábil*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 20, n. 76, p. 23-27, jul./set., 1991.

_____. *Aprimoramento técnico cultural de professores e valorização profissional*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 21, n. 81, p. 54-63, dezembro, 1992.

_____. *Formação educacional e profissional do contador*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 22, n. 82, p. 34-35, março, 1993.

_____. *Deve a educação profissional continuada (EPC) ser compulsória ou facultativa? Por quê?* Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 22, n. 83, jun., 1993.

_____. *Deve a educação profissional continuada (EPC) ser compulsória ou facultativa? Por quê? Parte II*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 23, n. 84, p. 49-51, set., 1993.

_____. *Deve a educação profissional continuada (EPC) ser compulsória ou facultativa? Por quê? Parte III*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 23, n. 85, p. 76-78, dez., 1993.

_____. *Ecos do XV congresso mundial de contadores*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 26, n. 108, p. 70-81, nov./dez., 1997.

- _____. *Ecossistemas do XV congresso mundial de contadores parte II*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 27, n. 110, março/abril, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GÓMEZ, Angel Pérez in NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*, 2 ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- GONÇALVES, Tadeu Oliver e GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. In: GERALDI, Corintia G. et al (orgs.). *Cartografias do trabalho docente*, Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998.
- GUADILLA, Carmem in PAIVA, Vanilda. *Dilemas de ensino superior na América Latina*, Campinas: Papyrus, 1994.
- KOLIVER, Olívio. *Reflexões e tentativa de diagnóstico e prognóstico sobre a formação do contador nas décadas vindouras*. Revista do Conselho Regional do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 20, n. 66, p. 13-14, jul./set., 1991.
- _____. *A projeção da classe na sociedade*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 23, n. 86, p. 86-89, março, 1994.
- _____. *A comprovação de competência e o exercício profissional*. Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 25, n. 87, p. 18-29, out./dez., 1996.
- _____. *A colaboração entre a universidade e o sistema CFC/CRCs*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 26, n. 105, p. 41, jul., 1997.
- _____. *O ensino universitário, os exames de competência e a educação continuada na busca da excelência e do exercício profissional pleno*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 26, n. 107, p. 100-113, set./out., 1997.
- LAFFIN, Marcos. *Entre débitos e créditos: o lado avesso do ensino da contabilidade* [dissertação de mestrado], FE/Unicamp, Campinas, 1996.

_____. *Avaliação uma primeira abordagem no Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina*, Relatório de pesquisa: Funpesquisa, 1997.

_____. *O lugar da pesquisa nos cursos de ciências contábeis*, texto mimeo, UFSC, 1998.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia Científica*, São Paulo: Atlas, 1992.

LÜDKE, Menga e ANDRE, M. *Pesquisas em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Eliseu. *O futuro do contador está nas suas próprias mãos*. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, v. 22, n. 85, p. 108-113, dezembro, 1993.

NÓVOA, António (Coord.). *Os professores e a sua formação*, 2 ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

RIL, Moura. *Educação continuada*. Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 19, n. 61, p. 49-52, jun., 1990.

SALOMON, D. V. *Como fazer uma monografia*, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHÖN, Donald in NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*, 2 ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

SERBINO, Raquel V. *et al* (Org.). *Formação de Professores*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

VASCONCELOS, Celso. *Construção do conhecimento em sala de aula*, São Paulo: Libertad, 1994.